

Criações cênico-literárias na formação inicial de professoras de educação infantil: as tramas tecidas pelo Grupo Contarolando  
*Scenic-literary creations in the initial training of early childhood education teachers: the wefts woven by the Contarolando Group*

Simone Cintra, Universidade Federal de Santa Catarina - [simonescintra@gmail.com](mailto:simonescintra@gmail.com)

Eliane Debus, Universidade Federal de Santa Catarina - [elianedebus@hotmail.com](mailto:elianedebus@hotmail.com)

#### Abstract

This paper seeks to reflect upon games and imaginative and artistic creations inherent to the education of childhood teacher educators and the children. In order to do so, this paper draws on the language of literature, theater, and the oral narration of stories lived by a group of students majoring in Pedagogy from Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Throughout their academic life, this group has experienced constant encounters with artistic language, as well as with the collaborative creation of different ways to approach storytelling, and the moment to offer these stories for adults and children, particularly those children enrolled in Early Childhood Education institutions in Florianópolis.

#### Keywords

Theatrical and literary creation. Childhood education. Teacher education.

#### Resumo

O presente texto busca estabelecer reflexões acerca da brincadeira, da imaginação e da criação e fruição artística na formação de professora(e)s e de crianças da Educação Infantil. Para tanto, detemos nosso olhar em experiências com as linguagens da literatura, do teatro e da narração oral de histórias vividas por um grupo de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que tem, ao longo da formação acadêmica, vivido a constância do encontro e da experimentação com linguagens artísticas, a criação coletiva de diferentes maneiras de contar histórias e o momento de oferecer essas histórias para adultos e crianças, em especial, para crianças pequenas que frequentam as instituições de Educação Infantil de Florianópolis.

#### Palabras clave

Criação cênico-literária. Educação Infantil. Formação de Professores.

#### Sumario

1. Introdução. 2. Origem, processos e criações do Grupo Contarolando. 3. Tecendo os fios: a criação cênico-literária para crianças e a formação de futuras professoras de educação infantil. 4. Considerações Finais. 5. Bibliografia.

## 1. Introdução

Eras

*Antes a gente falava: faz de conta que  
este sapo é pedra.*

*E o sapo eras.*

*Faz de conta que o menino é um tatu  
e o menino eras um tatu.*

*A gente agora parou de fazer comunhão  
de pessoas com bicho, de entes com coisas.*

*A gente hoje faz imagens.*

*Tipo assim:*

*Encostado na ponta da tarde estava um  
caramujo.*

*Estavas um caramujo – disse o menino  
porque a tarde é oca e não pode ter porta.*

*A porta eras.*

*Então é tudo faz de conta como antes?  
(BARROS, 2010, p. 474)*

Em *Eras*, o poeta Manoel de Barros brinca com o faz de conta da infância, mas não o aprisiona a ela. Indaga: “então é tudo faz de conta como antes?” E a nossa resposta é sim! Como na infância, o faz de conta pode existir na vida adulta. Se não mais fazemos “comunhão de pessoas com bicho, de entes com coisas” da mesma forma ou com a mesma intensidade e frequência com que fazem as crianças, podemos fazer do nosso jeito, a partir das nossas possibilidades e, principalmente, podemos fazer essa comunhão, e tantos outros faz de conta, para e com as crianças.

Fazer de conta e imaginar mundos (im)possíveis, coisas, seres, plantas com formas, cores, cheiros inusitados constitui importante elemento na interação do adulto com a criança. Singer e Singer (2007) ressaltam que o faz de conta infantil “é encorajado quando os pais e outros adultos contam histórias, leem em voz alta ou interagem ludicamente com as crianças” (p. 165, *apud* GIRARDELLO, 2011, p.81).

Na esteira dos estudos que abordam a importância da mediação literária e da ação brincante e imaginativa do adulto na interação com a criança, buscamos, com este texto, estabelecer reflexões acerca da brincadeira, da imaginação e da criação e fruição artística na formação de professora(e)s e de crianças da Educação Infantil. Para tanto, detemos nosso olhar em experiências com as linguagens da literatura, do teatro e da narração oral de histórias vividas por um grupo de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Esse grupo, o *Contarolando*, tem se dedicado a contar histórias da literatura infantil (de origem escrita) para crianças, em especial, crianças da Educação Infantil, mas, também, para estudantes universitários e professora(e)s. Um trabalho para o qual, considerando suas especificidades, cunhamos o termo criações cênico-literárias, uma vez que as histórias são contadas por um coletivo de contadoras que utilizam diferentes elementos da linguagem teatral como, por exemplo, a representação de partes da história, o uso de sonoplastia e a caracterização de alguns personagens.

Na intenção de abordar e trazer à discussão aspectos do fazer artístico e suas implicações na formação de professora(e)s e de crianças da Educação Infantil, damos visibilidade ao processo vivido no e com o *Contarolando* e às suas criações. Salientamos, ainda, que embora o curso de Pedagogia da UFSC possua a habilitação para a docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, dedicamo-nos, neste texto, a pensar questões mais pontuais acerca da docência na educação infantil e da formação de professores para esta etapa da educação básica.

## 2. Origem, processos e criações do Grupo *Contarolando*

### 2.1. *A primeira história*

O Grupo *Contarolando* é fruto de ações parceiras realizadas junto a trabalhos e projetos desenvolvidos no âmbito da pesquisa e da extensão da UFSC. Por meio dessas parcerias unimos as práticas de formação de uma pesquisa de pós-doutorado, realizadas com estudantes de Pedagogia, às práticas de formação realizadas com professoras e bibliotecárias da rede municipal de ensino de Florianópolis (SC), tendo, ainda, a produção de outra pesquisa – cujos resultados consistem na elaboração e publicização de biografias e resenhas de títulos da literatura produzida em Santa Catarina – como elo entre o processo de criação das estudantes e o trabalho docente de uma professora e da bibliotecária de uma escola de ensino fundamental da rede municipal de Florianópolis (SC). Dessa união nasceu a primeira criação cênico-literária do Grupo *Contarolando*, produzida a partir da narrativa *O pacote que tava no pote*, da autora catarinense Eloí Bochecho.

Iniciamos o trabalho com as estudantes propondo a leitura dos livros: *Contra Feitiço*, *Feitiço e Meio* e *O pacote que tava do pote*, de Eloí Bochecho, ambos trabalhados pela professora e pela bibliotecária com os alunos que iriam assistir à criação das estudantes. Após a leitura, passamos a pensar em como contar as aventuras vividas pelos personagens do livro *O pacote que tava do pote*, pois o grupo, naquele tempo formado por seis estudantes, o escolheu, identificando-se mais com a história e seus personagens.

Nosso principal objetivo ao coordenar as atividades, junto ao processo de elaboração da forma de contar a história, estava centrado na possibilidade de que todas as estudantes pudessem constituir-se contadoras. Consideramos, também, a preocupação do grupo em não

conseguir contar a história sem se reportar à leitura do livro, uma vez que a mesma é extensa e a experiência com a narração era inédita para todas. Passamos, então, a debater sobre nossas (im)possibilidades e as ideias foram surgindo e sendo testadas, transformadas, deixadas de lado ou aderidas até chegarmos à nossa forma de contar essa história.

Partilhamos, aqui, alguns dos registros fotográficos (imagens 1, 2, 3 e 4), na intenção de proporcionar uma melhor compreensão da forma como a história é contada pelo Grupo *Contarolando*.



Imagens 1 e 2: a música, o livro e os objetos mostram que a história vai começar!  
Fonte: Acervo do Grupo

As imagens 1 e 2 mostram o início da história, a preparação dos objetos, a apresentação do livro *O pacote que tava no pote* e da personagem *Bruxinha Elisa* – representada pela segunda contadora que assim se caracteriza com o uso de um único adereço: o chapéu de bruxa.



Imagens 3 e 4: a Bruxinha Elisa conversa com seus amigos Saguí e Borboleta  
Fonte: Acervo do Grupo

Já as imagens 3 e 4 mostram o diálogo da bruxinha com outros personagens da história. Estes também representados com alguns elementos: um lenço que vira asas, uma tiara de borboleta, entre outros. Pequenos objetos que demarcam o espaço de atuação e colaboram para a criação dos personagens.

Do início ao fim da apresentação, a primeira contadora – responsável por todas as partes narrativas da história – ora lê, ora conta, mantendo o objeto livro sempre presente. Já a segunda contadora é responsável por dizer as falas da bruxinha e dialogar com os demais personagens que posicionados junto às crianças ajudam-na a desvendar o mistério do “pacote que tava no pote”.

Essa primeira experiência de criar coletivamente e ofertar às crianças, dentro do espaço escolar, uma forma de contar uma história ocorreu no segundo semestre de 2011 e foi valorizada pelas estudantes que manifestaram o desejo de dar continuidade ao processo. Dessa forma, com o término das pesquisas e do projeto de extensão que deram origem ao grupo, outro projeto de extensão foi criado no ano de 2012 para acolher o desejo das estudantes que, sem interrupções, têm se encontrado semanalmente e apresentado as três histórias que hoje compõem o repertório do *Contarolando* em diferentes espaços e para diferentes pessoas, entre crianças e adultos.

O processo vivido com a primeira criação cênico-literária foi o propulsor da consolidação de uma prática artístico-cultural constante e que tem se dado junto ao percurso de formação acadêmica das estudantes, futuras professoras de crianças, que integram o grupo. Das seis estudantes que participaram dessa primeira experiência, quatro permanecem no grupo que hoje é composto por oito contadoras. Como se trata de um projeto de extensão que tem como parceiro o Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Pedagogia, a maioria das participantes integra esse programa, mas há também estudantes vinculadas a outros projetos de extensão da universidade, dos quais

recebem remuneração em forma de bolsa por sua participação e trabalho. Nesse sentido, as estudantes não são bolsistas e sim voluntárias em nosso projeto de extensão, cuja participação é vinculada exclusivamente ao desejo e à disponibilidade em estar no grupo e, coletivamente, criar formas de contar histórias e estar com as crianças, ofertando-lhes o encontro com a narração oral.

## 2.2. A segunda história

No primeiro semestre de 2012 o grupo recebeu mais três integrantes, passamos a ter encontros semanais, com duas horas e trinta minutos de duração, e iniciamos a criação cênico-literária da narrativa *Amigos*, escrita e ilustrada por Helme Heine.

Para esta criação, percorremos diferentes caminhos. Começamos com um estudo sobre as especificidades da literatura infantil, passando à leitura de quinze títulos até a escolha da narrativa *Amigos*, a partir da qual demos prosseguimento ao processo realizando atividades de narração, expressão vocal e corporal, cênicas e de criação de personagens até chegarmos à forma final de nossa criação. Na sequência, descrevemos os detalhes da forma criada pelo grupo para contar essa história.

As brincadeiras e aventuras dos personagens criados por Helme Heine são narradas e dramatizadas por sete contadoras que desempenham diferentes funções – três narradoras, três intérpretes dos personagens da história e uma sonoplasta – como mostram as imagens 5, 6, 7 e 8.



Imagens 5 e 6: início e fim da história – apresentando o livro e “cantando” a amizade!  
Fonte: Acervo do Grupo

A imagem 5 mostra um dos momentos da narração da história. Esta é realizada por três narradoras que utilizam o objeto livro e se revezam para contar as peripécias dos três grandes e inseparáveis amigos *Galo Juvenal*, *Rato Frederico* e *Porco Valdemar*. A imagem 6 mostra o momento final da apresentação, no qual todas as contadoras cantam uma canção que celebra a amizade, utilizando o nome dos três amigos da história.



Imagens 7 e 8: as brincadeiras dos amigos  
Fonte: Acervo do Grupo

As imagens 7 e 8 retratam as partes dramatizadas dessa criação cênico-literária. Na imagem 7 o porco, o galo e o rato pedalam uma única bicicleta e se divertem ao passar sobre uma poça d'água. E na imagem 8 os amigos tornam-se piratas e se divertem num velho barco abandonado.

A criação cênico-literária *Amigos* foi contada pela primeira vez em dezembro de 2012 e desde então tem sido apresentada em diferentes instituições de educação infantil e espaços culturais. Durante essas apresentações as crianças e, também, os adultos mostram-se envolvidos pela história contada por meio de diferentes elementos cênicos e narrativos.

### 2.3. A terceira história

*Gaitinha tocou, bicharada dançou*, também de autoria da catarinense Eloí Bocheco, foi a narrativa escolhida pelo grupo em 2013. Depois de cada participante – neste momento o grupo era formado por nove estudantes – ler duas ou mais histórias e socializar com o coletivo o enredo de cada uma dessas histórias, Bruxinha Elisa, a mesma personagem da primeira criação do grupo, encantou, mais uma vez, as contadoras e iniciamos o processo de transformar as palavras da autora em história narrada e dramatizada.

O início desse processo foi marcado, ainda, pela chegada da canção “*Contarolando eu vou...*” com letra e música de Luis Ubirajara Rodrigues, pai de uma das contadoras do grupo. Assim, cantando, tocando, narrando e dramatizando a história foi ganhando corpo e voz, como mostram as imagens 9, 10, 11 e 12.



Imagens 9 e 10: compondo o espaço narrativo e cênico com objetos e música  
Fonte: Acervo do Grupo

As imagens 9 e 10 mostram a construção do espaço para que a história comece a ser contada. O livro, o chapéu da bruxinha, tecidos e instrumentos de percussão são trazidos pelas contadoras, dentro de caixas, e dispostos pelo tapete enquanto a música do grupo é compartilhada com o público: “Quantas histórias nós temos pra contar. Em cada história nós vamos lhe mostrar que vale a pena aprender, que vale a pena saber. Histórias lindas nós contamos pra você” (Luis Ubirajara Rodrigues).



Imagens 11 e 12: narrando e dramatizando os encontros e descobertas da bruxinha  
Fonte: Acervo do Grupo

Nessa criação, pela primeira vez, não há leitura de partes da história. Toda a narrativa acontece sem a utilização do livro, que é mostrado antes da primeira frase da história e colocado em cima de uma das caixas que compõem o cenário. A imagem 11 mostra esse início, já com a bruxinha e as contadoras, que irão narrar a história, posicionadas e preparadas para começar. A imagem 12 mostra o momento em que a bruxinha se depara com mais um obstáculo para conseguir cumprir sua jornada e pegar sua gaitinha de volta: uma escada com rabo colorido, ou seria um camaleão?

### 3. Tecendo os fios: a criação cênico-literária para crianças e a formação de futuras professoras de educação infantil

Participar do Grupo *Contarolando* tem possibilitado às suas integrantes a constância do encontro e da experimentação com elementos das linguagens da narração oral e do teatro, assim como, a ampliação do repertório literário referente à literatura produzida para a infância. Algo para além de vivências efêmeras de fruição e de criação artística que, muitas vezes, não criam lastro em nossa vida e em nossos modos de construir, significar e expressar saberes e fazeres cotidianos e profissionais.

As ações formativas que temos construído junto ao grupo são marcadas por essa constância do encontro e da experimentação com linguagens artísticas e, ainda, pela possibilidade das estudantes criarem diferentes maneiras de contar histórias para as crianças e oferecer a elas essas criações. Ações que buscam potencializar a vivência de uma parceria prolongada entre a experiência estética (vivenciada por

meio de suas experiências como contadoras de histórias) e todas as demais experiências formativas do curso de Pedagogia (vivenciadas nas disciplinas, nas práticas de estágio, nas atividades de pesquisa e extensão, nas atividades realizadas nas instituições de educação infantil e nas escolas de ensino fundamental, entre outras). Parceria, esta, que pode vir a constituir-se um diferencial na formação acadêmica dessas estudantes.

Esse diferencial por nós almejado constrói-se na contramão de muitas ações e programas de educação instituídos em nosso país. De modo geral a arte não tem integrado os processos de educação e formação profissional no Brasil, salvo em disciplinas ou programas isolados e esporádicos. Poucas são, ainda, as instituições de educação pública ou privada que possuem espaço em suas matrizes curriculares e condições necessárias para o encontro e a experiência com a literatura, a narração oral e as demais linguagens artísticas. Seguimos, assim, sem poder usufruir o direito de desenvolver possibilidades de comunicação e expressão distintas daquelas a que somos, muitas vezes, aprisionados por se apresentarem como as únicas possíveis. Referimo-nos ao uso da linguagem verbal, oral e escrita, que ao longo de nossa educação formal consolida a sua hegemonia e também se enrijece, servindo-se apenas ao discurso informativo ou conceitual e abandonando sua forma poética e ficcional.

Falar por meio de diferentes linguagens, (re)descobrir essa possibilidade, (re)aprender a contar histórias, fantasiar, cantar, dançar, brincar, representar... nem sempre se fazem presentes na formação de professora(e)s de crianças. Entretanto, as crianças, sobretudo, as crianças pequenas, assim se manifestam no mundo: contando histórias, fantasiando, cantando, dançando, brincando, representando....

As crianças, principalmente as crianças da educação infantil, “expressam-se utilizando várias linguagens, com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas” (GOBBI, 2010, p.1). A linguagem verbal e informativa não se faz soberana em suas relações e interações com os adultos, com as outras crianças, consigo e com o conhecimento.

“A criança tem cem linguagens”, como diz o poema de Loris Malaguzzi (MALAGUZZI apud EDWARDS et al, 1999). Linguagens verbais e não verbais constituídas não só por formas linguísticas próximas e cotidianas do universo adulto, mas, também, por gestos, sons, cores, traços, metáforas tantas vezes profundamente distantes das nossas possibilidades adultas de compreensão, pelo menos, das nossas possibilidades mais desenvolvidas e vivenciadas com frequência. E é aqui que a distância entre a criança e o adulto pode tornar-se enorme.

Como sinalizado anteriormente, a linguagem permitida e potencializada na maioria dos processos de educação formal – aquela que nos é próxima e a qual utilizamos na maior parte do tempo –, apesar de necessária à orientação de muitas das instâncias do nosso dia a dia e às orientações das práticas educativas e pedagógicas com as crianças, também nos traz prejuízos por sua soberania quase extrema. Essa linguagem soberana trata-se, nas palavras de Marilena Chaui (2009), da “linguagem-instrumento” (p.189). Retomando Sartre, essa autora destaca que o distanciamento de uma linguagem instrumento se dá a partir de uma “atitude poética”, na qual as palavras deixam de ser “meros signos ou sinais estabelecidos” (CHAUÍ, 2009, p. 189) e são presentificadas no seu estado “selvagem”. Lembramos, aqui, mais uma vez, o poeta Manoel de Barros quando p(r)o(f)etiza que “a poesia é a infância da língua” (2010, p. 7).

As crianças, de modo geral, e as pequenas, em especial, assim como os artistas quando criam suas obras, vivem a atitude poética, distanciando-se da “linguagem-instrumento” (CHAUÍ, 2009, p. 189). Essa aproximação da linguagem própria da criança pequena com a “linguagem do poeta, do romancista, do contista, [que] é uma linguagem instituinte, criadora, inventora de significações novas, uma ‘fala falante’” (CHAUÍ, 2009, p.189), foi, também, apontada por Oliveira (2008), ao discorrer sobre educação, arte e processos imaginativos:

[a] intensidade, provocada pela novidade, pelo olhar curioso, pela “liberdade” do criar, do combinar e ver simultaneamente “isto e aquilo” e do emocionar-se intensamente diante das coisas do mundo, é uma forma de pensar e agir das crianças pequenas. Assim, podemos dizer que a imaginação criadora e poética institui a forma de ser criança, ao mesmo tempo em que por ela é instituída. É a maneira singular e coletiva de falar do mundo, de ver, simbolizar e estar nele com seus pares, com os adultos, com a natureza e com a cultura. É central em sua forma de produzir cultura (OLIVEIRA, 2008, p.24).

Como sintetiza essa autora, não é possível dissociar “a imaginação criadora e poética” dos processos de constituição da criança pequena. Porém, temos de considerar que apesar de pensar poeticamente não existe na criança a intenção de fazer poesia (ALBANO, 2012, p.33). Essa é uma intenção que só pertence à cultura e às possibilidades do adulto quando este deseja e faz poesia, já que “uma qualidade de infância, de ser criança, com toda a potencialidade da infância, é mais do que fazer poesia. É ser um Ser em estado de poesia” (KIRINUS, 2011, p. 32).

A criança, diferentemente do adulto, ainda não vive as certezas e sim as descobertas do mundo que são por elas vivenciadas e expressadas por meio de suas múltiplas linguagens. Como pontua Márcia Gobbi (2010),

as manifestações languageiras das crianças e dos artistas convidam a reorganizar o mundo e experimentá-lo em outras versões, mediados pelos corpos que se mexem, que nem sempre falam com palavras e letras, mas que tanto dizem, provocando a conhecer o desconhecido ao mesmo tempo em que se constroem outros lugares de experiências, estranhando e conhecendo a todo instante (p.2).

Nesse sentido, construir saberes e fazeres acerca das formas de interagir e de organizar práticas pedagógicas com crianças da educação infantil é, também, desestabilizar o mundo das certezas, abrindo caminho para “experimentá-lo em outras versões” (idem).

Abrir caminhos para a experimentação de diferentes versões sobre o mundo, sobre as relações humanas e as formas de ensinar e aprender é o que temos procurado fazer junto às futuras professoras que integram o Grupo *Contarolando*. Um fazer que se constrói em nossos encontros semanais por meio da criação coletiva e de práticas que buscam subsidiar e acompanhar as experiências de nossas alunas como contadoras de histórias.

Temos consciência da impossibilidade do adulto voltar a pensar, sentir, simbolizar e representar o mundo como uma criança. Nosso fazer junto ao grupo não objetiva que as estudantes contadoras voltem a ser crianças ou a pensar, agir e sentir como as crianças. As culturas infantis pertencem ao mundo infantil, muito embora, construam-se na relação com a cultura e o mundo adulto (SARMENTO, 2004). O que buscamos é ampliar as possibilidades de intimidade e valorização das futuras professoras em relação às “manifestações linguageiras” (GOBBI, 2010, p.2) das crianças e aos seus modos de ser e conhecer constituídos na e pela brincadeira, imaginação e fantasia. Uma ampliação que se potencializa na constância do encontro e da experimentação com linguagens artísticas, ao mesmo tempo em que potencializa os saberes e fazeres das futuras professoras referentes à criação de práticas pedagógicas que venham a acolher, valorizar e disponibilizar tempos, espaços e materiais para a expressão e o desenvolvimento das muitas linguagens e brincadeiras; da imaginação e fantasia das crianças com as quais irão interagir, responsabilizando-se por seu cuidado e educação, no dia a dia das instituições de educação infantil.

Nesse sentido, nosso fazer se constrói junto a concepções e conceitos acerca das potencialidades criadoras do adulto e de seus modos de se relacionar com suas próprias linguagens e dimensões lúdicas e imaginativas. Acreditamos que quanto mais as professoras e os professores de crianças puderem viver “a densidade do momento da criação [que] estão presentes no adulto que cria e na criança que brinca” (ALBANO, 2012, p.32), maiores serão as suas condições e possibilidades de aproximarem-se do universo da infância. Um universo farto e diverso, pleno de diferentes formas de experimentar e expressar o conhecimento e no qual a resposta certa tem muitas variáveis. Um universo no qual as histórias e a fantasia são sempre bem vindas, sentem-se em casa, podem correr soltas e ganhar proporções que nem somos capazes de dimensionar. Mas, também, um universo constantemente mediado e organizado pelo adulto que, por sua vez, pode propor e mediar processos de desenvolvimento ou de atrofiamento das muitas/múltiplas/diferentes/cem linguagens das crianças e de suas possibilidades expressivas, lúdicas, inventivas e imaginativas.

#### 4. Considerações Finais

Procuramos, até aqui, narrar e tecer relações acerca das formas com as quais as estudantes contadoras – não como crianças, mas assim como as crianças – têm vivido suas dimensões brincantes, imaginativas e poéticas. Como têm, constantemente, voltado ao mundo do “Eras”, do qual nos fala Manoel de Barros no poema que inicia este texto.

As palavras do poeta nos convidam a pensar uma adulez também prenehe de imaginação, ludicidade e criação poética. Para ele, “a gente hoje faz imagens”. Para nós, a formação de professora(e)s de crianças não pode carecer dessas imagens. Elas, as imagens criadas e, também, fruídas por meio de palavras, gestos, cores, sons... precisam caminhar ao lado dos demais processos que constituem a formação docente, sem que sua importância seja subjulgada. Ao criar e ver imagens por meio do encontro com palavras, gestos, cores, sons... futura(o)s professora(e)s familiarizam-se, novamente, com um mundo no qual “sapo é pedra e a tarde é oca” (BARROS, 2010, p.474), abrindo espaço dentro de si para entrar na brincadeira de faz de conta, dar vida a mundos imaginários e oferecê-los às crianças pequenas.

A adulez das futuras professoras que criam e contam histórias junto ao Grupo *Contarolando* tem sido prenehe de imagens, faz de conta, imaginação e fantasia. Para nós, o experienciar desse outro modo de ser adulto constrói-se de forma híbrida, no encontro e entrelaçamento das linguagens da literatura, da narração oral e do teatro que compõem as criações cênico-literárias do grupo. Entretanto, existem tantos caminhos, tantas outras possibilidades no âmbito das linguagens da arte, das brincadeiras, das produções culturais, das diferentes formas de aceder às experiências estéticas. Possibilidades a serem (re)descobertas, (re)criadas e incorporadas à formação acadêmica de professora(e)s de crianças, nem sempre organizada para receber, acolher e potencializar o “Eras” uma vez e suas tantas histórias.

#### 5. Bibliografia

- ALBANO, Ana Angélica. O espaço do desenho a educação do educador. 15ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- BARROS, Manoel. Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.
- BOCHECO, Eloí Elisabet. Gaitinha tocou, bicharada dançou. II. Mari Ines Piekas. São Paulo: Paulinas, 2008.
- BOCHECO, Eloí Elisabet. Contra feitiço, feitiço e meio. II. Mari Ines Piekas. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BOCHECO, Eloí Elisabet. O pacote que tava no pote. II. Mari Ines Piekas. São Paulo: Paulinas, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. O Universo das Artes. In: CHAUÍ, Marilena. Filosofia. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.
- EDWARDS, Carolyn et al (Org.). As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072011000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072011000200007&script=sci_arttext) > Acesso em: 01/04/2014.
- GOBBI, Márcia. Múltiplas linguagens de meninos meninas no cotidiano da educação infantil, 2010. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com_content&view=article) > Acesso em 05/04/2014.
- HEINE, Helme. Amigos. 13ª ed. Editora Ática, 2001.
- KIRINUS, Glória. Synthomas de poesia na infância. São Paulo: Paulinas, 2011.
- OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. Escultura e imaginação infantil: um mar de histórias sem fim. Florianópolis, 2008. 313f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, 2008.
- SARMENTO, Manuel J. As culturas da infância na encruzilhada da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel J.; CERISARA, Ana Beatriz (Org.). Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: ASA Editores, S.A., 2004, p.09-34.

Nota: O projeto da pesquisa de pós-doutorado, focado neste texto, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sendo autorizada pelas estudantes, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a reprodução dos registros fotográficos em trabalhos de cunho acadêmico e científico.

**Cómo citar este artículo en bibliografías – How to cite this article in bibliographies / references:**

CINTRA, S.; DEBUS, E. (2015): “Criações cênico-literárias na formação inicial de professoras de educação infantil: as tramas tecidas pelo Grupo Contarolando”. *En Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 2, pp. 41-48.